

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

A CASA

12 e 22 de Maio de 2026

Tre Piani / 2021

Três Andares

um filme de NANNI MORETTI

Realização: Nanni Moretti *Argumento:* Nanni Moretti, Federica Pontremoli, Valia Santella *a partir do romance de* Eshkol Nevo (2018) *Fotografia* (digital, cor): Michele D'Attanasio *Som:* Alessandro Zanon *Montagem:* Clelio Beenvento *Música original:* Franco Piersanti *Direcção artística:* Paola Bizzarri *Cenografia:* Gabriele Presta, Valeria Zamagni *Guarda-roupa:* Valentina Taviani *Coreografia:* Cristina Belletti *Interpretação:* Riccardo Scamarcio (Lucio), Elena Lietti (Sara), Alba Rohrwacher (Monica), Adriano Giannini (Giorgio), Margherita Buy (Dora Simoncini), Nanni Moretti (Vittorio Bardi), Denise Tantucci (Charlotte), Alessandro Sperduti (Andrea Bardi), Anna Bonaaiuto (Giovanna Lanciani), Paolo Graziosi (Rento Lanciani), Tommasi Ragno (Luigi), Stefano Dionisi (Roberto), Gea Dall'Orto (Francesca), Chiara Abalsamo (Francesca), Giulia Coppari (Francesca), Alice Adamu (Beatrice), Letizia Arnò (Beatrice), Teco Celio (Saverio Brasini), etc.

Produção: Sacher Film, Fandango (Itália, 2021) *Produtores:* Nanni Moretti, Domenico Procacci *Cópia:* Midas Filmes, DCP, cor, legendado em português, 119 minutos *Estreia:* 12 de Julho de 2021, Festival Internacional de Cinema de Cannes *Estreia comercial em Portugal:* 4 de Novembro de 2021 *Primeira apresentação na Cinemateca.*

Haverá uma dança. A dança será colectiva, habitará a rua de um bairro residencial com o ritmo vital da milonga, inspirado na habanera cubana e na influência do tango argentino. Não há canções em TRE PIANI, nenhum momento Springsteen, nenhum momento Cohen como os que suspendem PALOMBELLA ROSSA e MIA MADRE – nem *I'm on Fire*, nem *Famous Blue Raincoat*, nem outra assim. A melodia de TRE PIANI pontua minimalmente a acção pejada de acontecimentos e acidentes que vão de uma a outra noite distantes entre si e nas vidas das personagens. Numa linha mais recta da filmografia de Nanni Moretti, emparelha com LA STANZA DEL FIGLIO, o filme de 2001 em que, como em TRE PIANI, há um filho que se chama Andrea – e no qual uma última “sequência em canção”, *By This River*, de Brian Eno, equivale ao lugar do baile de rua defronte do prédio de TRE PIANI. Questão de tom, dramatismo expurgado de comédia, a regra de Moretti com toda a sua excepção. Aqui há uma gravidade em plano geral – histórias de pais e filhos, outra regra Moretti –, numa narrativa coral que compreende uma cadeia de perdas, lutos, culpa, responsabilidade, obsessão, desvario, notas sombrias a par da fragilidade da vida que continua com nascimentos, crianças que crescem, pessoas que se reinventam ou simplesmente persistem.

No princípio está o prédio. Três andares, três famílias nucleares, três momentos temporais sucessivos num arco de um pouco mais de dez anos e duas elipses, duas vezes “cinco anos mais tarde”. O prédio é um edifício elegante, de boa construção, localizado num bairro burguês em Roma, adaptando ao cinema de Nanni Moretti a realidade de Telavive do romance do escritor israelita Eshkol Nevo. TRE PIANI. Em mais de cinquenta anos de filmes, é a única obra do realizador-actor italiano com argumento baseado, sendo que IL SOL DELL'AVVENIRE (2023) e SUCCEDERÀ QUESTA NOTTE (em pós-produção em meados de 2026) regressaram aos argumentos originais. É Roma (Via Giuseppe Montanell, o bairro Pratti), onde o filme foi rodado em 2019, mas podia ser qualquer cidade europeia. Moretti interessou-se pela densidade humana do romance de Nevo, no qual, ao contrário do filme, as histórias de vizinhos co-existem em capítulos estanques. E quis entretecê-las, trabalhar o equilíbrio da igualdade de personagens, construção narrativa, mise-en-scène e montagem, respeitando a secura de tom que reconheceu no romance e tendendo para a simplicidade.

Foi assim que Moretti exprimiu na altura, quando o filme estreou num mundo pós-pandémico atento a casas, máscaras, vizinhança, fachadas de edifícios com gente dentro. Pura coincidência. O projecto estava em andamento, fora filmado antes da pandemia Covid 19, que agora parece tão longínqua, mas que por um pedaço sincronizou o mundo relevando proximidades e distâncias. À polifonia Moretti justapôs contenção, o que

contraria o arrebatamento folhetinesco de que o acusaram a propósito das tantas personagens, das tantas pontas narrativas, dos tantos colapsos. O plano inicial nocturno da fachada, na qual se acende a luz de uma casa do segundo andar, podia lembrar REAR WINDOW, mas não é caso de janelas indiscretas. O espectador tem pouco tempo antes que a acção comece com a Miss Lonely Heart deste enredo (Mónica), a mulher grávida que sai do prédio rumo à maternidade, depois de testemunhar o acidente mortal em que o automóvel desgovernado abalroa uma transeunte e espatifa a parede de tijolos de vidro do rés-do-chão do prédio do outro lado da rua. Tudo a abrir, TRE PIANI casa de chofre a acalmia com a brutalidade. A colisão inicial prefigura a série de desastres íntimos com os quais as personagens esbarram.

Os moradores dos três andares são, no terceiro, com um terraço desafogado, Dora e Vittorio, o casal de juízes de meia-idade cujo filho de vinte anos, Andrea, cresceu danado com a rigidez paterna – é ele o jovem condutor alcoolizado que arranca a violência narrativa de TRE PIANI; Monica e o ausente Giorgio, pais da pequena Beatrice que nasce quase em simultâneo com a primeira morte do filme, habitam o segundo andar, onde mais tarde um corvo preto visita o espírito solitário da jovem mãe – filha de uma mãe de espírito vago, Monica tem com Giorgio um casamento à distância visto que o marido, de relações cortadas com o irmão, trabalha largas temporadas no estrangeiro; Sara, Lucio e a pequena Francesca são a pacata família do duplex do primeiro andar/rés-do-chão, vizinhos de piso de Giovanna e Renato, o casal de velhotes que lhes toma conta da criança quando é preciso, embora Renato comece a sofrer de *avaria* mental, como diz Francesca – a pista da demência de Renato leva ao desatino de Lucio, dobrado com a entrada em cena da neta desse casal, Charlotte.

O microcosmo do prédio esventra-se no acidente que parece desencadear uma sucessão de crises em tríptico mais ou menos cruzado, com os acontecimentos a sucederem-se em paralelo e, no caso do segundo andar, em correspondência. Irradiam para os palcos institucionais do tribunal, da prisão, do hospital, do cemitério, de outras casas, do campo, com hipóteses de desmultiplicação narrativa que vão dissociando a casa da largueza do mundo. Na dinâmica do prédio, a sequência coral do desastre reverbera na que reúne os moradores na mesma rua num ritual de velório (e acusação), como depois naquela, de celebração da vida (e do seu mistério), em que a coreografia é dançada. Na dinâmica das casas, andar a andar, as personagens dos adultos carregam as mágoas que os responsabilizam, com os véus emocionais masculinos a toldar mais.

Foi um ponto em que Moretti insistiu falando do filme. Numa entrevista publicada no *The Sidney Morning Herald* em Outubro de 2021, disse assim: “Foi algo bastante natural para mim e para as duas argumentistas mulheres mostrar os homens presos à sua própria rigidez. Pode dizer-se que é uma atitude comum a todos os homens, serem completamente rígidos na sua própria interpretação do papel que têm de desempenhar dentro da família, por exemplo. É essa a atitude da minha própria personagem, Vittorio é duro e não está disposto a ceder. Ou o ódio que o Giorgio sente pelo irmão. Ou o Lucio, que está tão iludido e acredita que pode proteger a filha mantendo tudo completamente estático. Eles acreditam que estão do lado certo, enquanto as mulheres são aquelas que têm a coragem de coser o tecido rasgado da vida.”

Talvez, então, a nota mais salvífica de TRE PIANI seja a travessia da personagem de Andrea, a quem pertence um último, luminoso, plano, com o filho bebé nos braços olhando a mãe recém-chegada na ressaca do corte imposto pelo pai (a personagem interpretada por Moretti ao lado de Margherita Buy, a mãe Dora). Ou será Dora a personagem mais salvífica do filme, encontrando maneira de comunicar com o marido desaparecido via atendedor de chamadas e, depois, de se despedir da voz dele, das suas escolhas, da casa de ambos, do caminho comum? Ou será Mónica, a que parte e talvez regresse em imagem desacelerada? Ou será Sara, a acenar e a sorrir ao lado de Lucio? Seja como for, a “cápsula” da dança na noite de ar livre vibra no palco da rua. O mesmo palco onde é coreografada outra sequência colectiva, a única que reúne (quase) todos os moradores em noite de luto (a morte de Renato), quando as tensões “entre andares” emergem à superfície. Cabe tudo na coreografia dos planos, posições dos corpos, direcção dos olhares, eixos dos movimentos, diálogos esparsos, segura dos termos e das imagens.

Maria João Madeira